

A CONDIÇÃO DO POETA EM MARTIN HEIDEGGER

Sandro dos Santos Nogueira*

RESUMO: O objetivo deste trabalho é o de pesquisar a condição do poeta em Martin Heidegger (1889-1976). Temos por obra norteadora a conferência *Poeticamente o homem habita*, de 1950, ao lado de outras tais como: *Construir, habitar, pensar (Bauen, Wohnen, Denken)*, de 1951; *A coisa (Das Ding)* de 1950. As quais se destacarão dentro de alguns aspectos que consideramos importantes para a elucidação desta pesquisa como por exemplo: a linguagem como habitação do homem; a quadratura como modo de situá-lo no mundo; a fim de atingir a condição do poeta no dizer e no escutar o ser.

Palavras-chave: Linguagem; Quadratura; Poeta.

INTRODUÇÃO

Na conferência intitulada: “*Poeticamente o Homem Habita*”, Heidegger parte, por meio de uma análise hermenêutica, à procura do sentido étimo do termo *habitar*, explicitando-o para melhor elucidar este aspecto central da condição do homem, em especial do poeta na quadratura. Este título da conferência é retirado de um poema do poeta alemão Hölderlin (1770-1843) que segundo Heidegger na sua obra “*Hölderlin y la esencia de la poesia*” poetizou sobre a essência da poesia.

É importante ressaltar que o sentido de *habitar*, abordado por Heidegger nesse opúsculo (*Poeticamente o homem habita*), não quer indicar somente um modo pelo qual o homem existe, mas a sua própria existência humana, ou seja, *habitar* não quer significar uma dimensão da existência, mas, ao contrário, é a condição inerente e necessária a toda e qualquer dimensão que faça parte do ser do homem. Visto deste modo, a existência humana é uma *habitação*.

Mas o que é uma habitação enquanto existência humana? O que a constitui? O traço característico dessa habitação é o que a torna ser o que ela é: a Linguagem. O homem não seria entendido como tal sem a fala. É a fala que possibilita o fazer relações, na verdade, a linguagem segundo Heidegger é a relação de todas as relações. A linguagem é o que confere identidade à existência do homem sobre a Terra. Só temos acesso à essência das coisas por meio da linguagem. Por outro lado, o problema é que sendo o homem aquele que tem o poder de dizer, ele também pode apossar-se da linguagem como uma coisa qualquer, ou como se o homem fosse o “senhor da linguagem”. Nesse sentido, Na conferência “*Construir, Pensar e Habitar*”, Heidegger afirma:

[...] circula no planeta, de maneira desenfreada e hábil, um falatório, um escrever uma transmissão de coisas ditas. O homem se comporta como se fosse o criador soberano da linguagem. A linguagem, no entanto, permanece a soberana do homem [...] (2002, p.167).

* Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica do Salvador – UCSal. Especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior pela Faculdade São Bento da Bahia – FSSB. Contato: e-mail. sandrosnogueira@gmail.com

De acordo com Heidegger, a relação entre sujeito e objeto da Filosofia Moderna não favorece a linguagem, pois na metafísica, a linguagem é colocada em função do sujeito. Neste modo de pensar, não é o sujeito que está na verdade, mas a verdade é que está no sujeito. Por isso, na Filosofia Moderna o sujeito é o “senhor dos entes”, que, mediante uma estrutura conceitual, transforma as coisas. Sendo assim, a linguagem torna-se um meio de expressão de idéias.

É preciso transcendê-la, ela é insuficiente porque não permite a linguagem acontecer de modo original e criativo. Deste modo, a linguagem só será libertada na poesia, pois ao contrário da Gramática, que impõe suas estruturas à linguagem tornando-a estática, na poesia, a linguagem toma a sua “fisionomia” própria. Por isso, a poesia não se reduz aos versos, nem a forma métrica, tampouco a erudição conceitual. Na poesia, a palavra não é amputada, mas levada à plenitude.

Daí encontra-se na linguagem poética o espaço e o terreno que é próprio da linguagem: a liberdade de um dizer que não se limita a sinais, que devem ser unívocos com a finalidade de uma comunicação correta e veloz. Todavia, essa liberdade do dizer poético respeita e guarda em seu bojo a essência das coisas. Na linguagem poética existe espaço para a criatividade e para o pensamento, dois elementos que não podem, nem devem ser determinados pelos sistemas das regras gramaticais, tampouco pela instrumentalização informativa da técnica moderna, posto que, caso isso ocorresse a poesia não seria poética e o pensamento não seria pensante.

Como conseqüência de sua crítica à metafísica, o que Heidegger quer nos alertar é sobre a enorme conseqüência da linguagem instrumentalizada, ou seja, reduzida a um meio de expressão. Nesta interpretação herdada da metafísica, não é somente uma característica da linguagem que está em jogo, mas sim a própria essência do ser-aí, ou seja, a linguagem.

Na “*Carta Sobre Humanismo*” Heidegger afirma que a linguagem é a casa do ser. Porém, a linguagem que o filósofo se refere não é a linguagem científica, que tem por fim seu uso no conhecimento que é uma atividade temático-descritiva da realidade considerada contemporaneamente não como a linguagem principal, mas como a linguagem. Tampouco se refere à linguagem técnica, que de certa forma, é sempre ou na maioria das vezes utilitária, pois a mesma modifica a realidade para dela se aproveitar. A linguagem do ser é a linguagem poética, pois ela deixa o *ser* ser ele mesmo. Nas palavras de Heidegger:

As palavras ‘... poeticamente o homem habita...’ dizem muito mais. Dizem que é a poesia que permite ao habitar ser um habitar. Poesia é deixar-habitar, em sentido próprio (2002, p.167).

Segundo Heidegger, Hölderlin não desconsidera todos os outros adjetivos que o ente humano apresenta, apenas redimensiona-os, reconhecendo que o que torna o homem cheio de méritos é a sua capacidade de habitar poeticamente sobre a Terra. E nisto se dá a grandeza da linguagem. A técnica na perspectiva ontológica não torna o homem cheio de méritos. Em sua conjuntura caracterizada pelos procedimentos racionais, a linguagem técnica representa a realidade somente de um modo. Além de empobrecer a linguagem retirando a possibilidade da criatividade por causa do seu uso uniforme, ela reduz ao mero funcionamento a representação da realidade que não significa o que uma coisa é. No entanto, na poesia as coisas chegam a ser e são.

Para João Bosco Batista, (Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da FUNREI), a palavra alemã *Wohnung* e a grega *Ethos*, em sentido originário, não apresentam discordância semântica, quanto ao significado ontológico e poético que ambas adquirem no pensamento

heideggeriano. A palavra é: “morada”. Os dois termos culminam na reflexão que apresenta a tese do retorno do homem (*Dasein*) à morada da verdade do ser, que se manifesta na linguagem poética – a única capaz de aproximar-se da proximidade do Sagrado que se resguarda na coisa. O lugar de morada é na sacralidade das coisas: mas só mediante o resgate da poesia em sentido ontológico, pode o homem habitar a sagrada quadrinidade que a coisa reúne. Isto justifica e corrobora a frase de Hölderlin: “*Poeticamente o homem habita nesta terra*”.

A QUADRATURA: CÉUS E TERRA, DEUSES E MORTAIS

Partindo da compreensão (fenomenológica) do morar, como um habitar resguardando a liberdade, ou seja, a essência da morada e do habitante; podemos lançar a interrogação feita pelo filósofo alemão: “*Onde mora o homem?*” Ou ainda: “*como mora o homem?*” Morar indica estar na presença dos deuses e ser tocado pela essência próxima das coisas. Para entendermos melhor essa afirmação que Heidegger compreende em Hölderlin, temos que observar o conceito de *quadratura* que segundo Gianni Vattimo, o filósofo alemão pretende mostrar com o *Geviert* (quadratura) a verdadeira, mas esquecida, morada do homem: a sua relação originária com “a coisa” (*das Ding*).

Os ‘quatro’ que constituem a quadratura são, como diz Heidegger numa linguagem que deve certamente a sua familiaridade a Hölderlin, a terra, o céu, os mortais e os divinos. Estas palavras poéticas furtam-se a uma plena clarificação conceptual; mas o fato de serem palavras poéticas já não pode agora significar um menor peso teórico, visto que na poesia que acontece a verdade no seu sentido mais radical [...] Os ‘quatro’ não são entes intramundanos, mas dimensões da abertura do mundo em que estão os entes intramundanos (1990, p. 126).

Cada um liga-se aos demais três, realizando, assim, o jogo, a partir da “transpropriação” (algo próprio que circula entre os demais) que os liga em sua dobra, em seu vinco. No interior desta transpropriação cada um é expropriado em algo que lhe é próprio. Este é o jogo do espelho do quadripartido, que Heidegger também denomina de “jogo do mundo”. O mundo existe na medida que faz o jogo, quer dizer, o jogo do mundo não pode ser explicado por nenhuma outra coisa, aqui não cabem causas nem fundamentos; a vontade humana de explicar, diz ele, jamais penetra no Simples da simplicidade do jogo do mundo.

A unidade do quadripartido é a quadratura. Ela é o meio no qual o quadripartido se dá. Os quatro, uma vez lá e presentes, simplesmente se mantêm, uns próximos aos outros. E ela funciona como o jogo de espelhos que faz aparecer o jogo daqueles que são confiados uns aos outros na simplicidade. O ser da quadratura, afirma Heidegger, é o jogo do mundo; o jogo do espelho é o giro do fazer-aparecer. Assim flexíveis, dobrando-se ao jogo do espelho, eles congregam o mundo.

A coisa, assim, contém o quadripartido, congregando o mundo. Pensando a coisa assim, congregando, temos a coisa como coisa, aproximamo-nos pelo ser da coisa. Desta forma, diz ele, somos chamados pela coisa, tratando a coisa como coisa, passamos a habitar sua proximidade. É isso que é uma coisa: algo que se produz a partir do Giro rodeante do jogo do espelho do mundo.

A coisa é reveladora, ela faz aparecer (*Verweilen ereignet*), isto é, ela conduz os “quatro” para a claridade de seu ser próprio. A coisa, portanto, guarda sua essência na relação com o

Sagrado, toda vez que ela reúne e congrega a quadratura. Em sua obra intitulada “A Coisa”, Heidegger justifica que a palavra coisa (*Ding*) provém de antigas palavras alemãs (o alemão antigo) *thing* e *dinc* que significam reunião (*Versammlung*).

A coisa para Heidegger é sagrada enquanto reúne em si a quadratura. O ente será sagrado, portanto, quando aparecer como coisa para o homem. O sagrado não tem para o filósofo alemão o sentido teológico de transcendência divina da religião judaico-cristã. Ao contrário, o sagrado é um modo de aparecer do ente como coisa, de modo que sua essência reúne as quatro regiões da quadratura. O sagrado é o sentido “coisal” de desvelamento do ser, além de toda pretensão objetivista e, conseqüentemente, subjetivista, do pensamento calculador. Os deuses, obviamente não têm uma forma substancializada; a divindade não existe em si, mas apenas na reunião, isto é, na simplicidade com as outras três regiões.

Habitar torna-se uma condição em que o homem é contemplado como um dos quatro: céu e terra, deuses e os mortais. Na conferência “*Construir, habitar, pensar*”, Heidegger afirma:

Chamamos de *quadratura* essa simplicidade. Em *habitando*, os mortais são na quadratura. O traço fundamental do habitar é, porém, resguardar. Os mortais habitam resguardando a quadratura em sua essência. De maneira correspondente, o resguardo inerente ao habitar tem quatro faces (2002, p. 131).

Para Heidegger, os mortais são os pastores do ser que conduzem e aguardam à espera do acontecimento. Eles habitam à medida que salvam a terra, acolhem o céu, aguardam os deuses e conduzem o seu próprio vigor. Por isso, tanto a apropriação do mundo como a sua expropriação cabe aos mortais. A quadratura demonstra o homem como ser de relação. No entanto, não basta se relacionar para que ocorra essa habitação, é necessário um resguardo dos quatro, sempre partindo de uma demora sobre as coisas. Esta demora se dá no modo pelo qual nos relacionamos com a coisa que para o filósofo não é um objeto, nem pode ser consumada com a sua funcionalidade. Para que isso ocorra é necessário ver a coisa na coisa, ou seja, na sua essência.

O que significa este resguardo dos quatro? Resguardar significa deixar as coisas serem em seu próprio vigor o que elas são: por exemplo, no caso da terra, não devemos nos apossar dela para a sua exploração; no caso do céu, não devemos fazer do dia, noite e nem da noite, dia; no caso dos deuses devemos esperá-los, e não nos fazermos de deuses; no caso dos mortais, devemos proteger e cuidar das coisas em seu crescimento e nos preparar para uma morte.

Observe que o homem habita à medida que estabelece relação de resguardo com a quadratura. Nela, o ser do poeta é o mediador. Sua condição e situação no mundo é a de estar no meio, mas não no sentido de mediocridade. Isso para dizer que estando no meio o poeta tem o poder de medir, pois ditar poeticamente é medir e não deve ser tomado como um calcular matemático.

O medir é justamente a mediação do poeta que habita entre o céu e a terra, entre os deuses e os homens, resguardando através de um cuidado, do cultivo de cada um da quadratura, pois cada vez que pensamos num, evocamos os três, e nisso se mostra a unidade e a pertença entre ambos. Isto porque a cada vez que pensamos no céu, evocamos a terra, quando Hölderlin afirma que poeticamente habitamos sobre a terra, ele dispõe da medida: sob o céu. Quando pensamos nos deuses não esquecemos dos mortais.

Porém, ainda que pensemos em um dos quatro, não significa que já zelamos pela quadratura. É necessário um olhar sobre os quatro com a disposição de guardá-los. E só

guardamos a quadratura quando pensamos na reunião integradora e construímos. Sendo assim, habitar poeticamente significa construir, mas essa construção é respaldada de cultivo e crescimento, e não somente por um ato de edificar construções. Nesse sentido, habitar é construir desde que se preserve nas coisas a quadratura. As coisas, na verdade, são os espaços que possibilitam a experiência de habitação, ou seja, “*a estruturação de mundo que o integra numa coapropriação de essências*” (FERREIRA, 2003, p.11). E não se pode pensar em homem sem esta relação com o espaço. Espaço este que é o cenário de edificações. Ora, no caso do poeta, seu espaço é justamente a Linguagem.

A CONDIÇÃO DO POETA

Também cabe o indagar: mas a poesia não é uma espécie de expressão que evoca fantasia, sua construção não seria insustentável? Segundo Heidegger, a poesia ou o dizer poético não é de forma alguma considerada como uma fantasia, na realidade a poesia é o que nos eleva para o céu, mas também nos dirige para a terra. Deste modo, o poeta não considera uma única realidade, mas vislumbra a realidade da *quadratura* que se oculta e aparece na cultura de um povo. Nas palavras de Heidegger:

A poesia não sobrevoa e nem se eleva sobre a terra a fim de abandoná-la e pairar sobre ela. É a poesia que traz o homem para a terra, para ela, e assim o traz para um habitar (2002, p. 169).

A poesia não pode ser considerada como uma *mimesis* como Aristóteles compreendia, ao contrário, o ditar poeticamente tem a sua originalidade, isto porque em seu bojo, o seu falar consiste essencial e justamente em trazer expresso o indizível ao mundo. Este indizível, por sua vez não pode ser tomado como algo irreal, ou ainda a poesia não deve ser tomada como um mero devaneio das imaginações de um poeta.

Ao contrário, a poesia é a linguagem por excelência, ela consegue dizer de modo profundo e autêntico a realidade. Isto porque a poesia não define a realidade, mas abre o espaço da compreensão e não somente do saber classificatório. Esse, na verdade, é o poder da poesia que supera tanto a linguagem comum quanto a linguagem científica. É importante observar que, no plano das relações humanas, dito de modo subjetivo, verificamos que ao nos relacionarmos com verdade e sinceridade com os outros, logo a linguagem poética aparece com todo o seu vigor e seu engrandecimento.

Heidegger (assim como Hegel, Nietzsche e Merleau-Ponty) nos surpreende com o que até então era pensado da poesia. O filósofo alemão estabelece e demonstra-nos que a poesia, ao contrário do que a Tradição da Filosofia apontava, como, por exemplo, como um sonho, um devaneio, dizer reduzido ao sentimento ou uma inspiração divina, é essência da linguagem.

De fato, se observarmos partindo da racionalidade Ocidental, veremos que a poesia é conduzida, ou reduzida, para uma dessas características acima descritas. Contudo, Heidegger convida-nos a olharmos a poesia partindo dela própria, pois olhar de dentro é mais compreensivo do que o de fora. Assim, como analisamos, a poesia é o fundamento que sustenta a História, e por isso não pode nem deve ser considerada como uma mera manifestação da cultura. O homem, por ter como característica capital a fala, enquanto ser existente tem muito a dizer sobre o mundo em que habita,

Contudo, a linguagem como fala não deve ser encarada como uma “realidade interior”. É uma situação que se torna explícita nas palavras. Mesmo a linguagem poética não é um veicular de pura interioridade, mas um partilhar do mundo. Como revelação do ser no mundo e não daquele que fala, não é nem um fenômeno subjectivo nem um fenômeno objectivo, é simultaneamente ambos, pois o mundo é anterior a ambos e engloba a ambos (PALMER, 1986, p. 143).

Mas se não descobrir que o que torna o “mundo” mundo é a linguagem que fala as coisas, mas do que as pronuncia, o “homem” não deverá, por sua vez, dizer o ser, tampouco se consagrará ao seu serviço. Sua condição consiste em, necessariamente, poetizar o ser, pois, na medida em que poetizamos, estamos correspondendo ao seu apelo. Apelo este que consiste na guarda e no dizer a verdade. Deste modo, os homens, de maneira especial os poetas e os pensadores realizam as descobertas e desocultação do ser.

Verdade na concepção de Heidegger significa desocultar, desvelar, trazer à luz algo que se encontra oculto. Não é possível construir um mundo nem sustentá-lo e habitá-lo ocultando a verdade. Para Heidegger, é necessário que o poeta, o homem que cria através da palavra, o próprio mundo, não seja mudo, ou indiferente à verdade do ser. Se o poeta não for comprometido com a verdade certamente não será poeta. A condição do poeta e a verdade na poesia são intrínsecas.

A essência da poesia está no seu fundar histórico. Neste sentido, a voz do poeta é a voz do seu povo, sua voz fala a todos os tempos, isto porque o poeta habita entre os divinos e mortais. A sua condição, então, é a de ser o representante legítimo do *Ser-aí* histórico. Entretanto, a fundação do ser está vinculada ao signo dos deuses e à voz do povo, e é com a mediação do poeta que se torna decisivo quem é o homem e onde se funda a sua existência histórica. Por isso, poeticamente o homem habita nesta terra.

Contudo, Hölderlin poematiza a essência da poesia, mas não no sentido do valor atemporal. Esta essência da poesia pertence a um tempo determinado. Mas, não se conformando a este tempo como algo existente. Quando o poeta instaura de novo a essência da poesia, determina pela primeira vez a temporalidade presente. Nas palavras de Heidegger:

Se e como o ente aparece, se e como o Deus e os deuses, a história e a natureza penetram na clareira do ser, como se apresentam e ausentam, não decide o homem. O advento ente repousa no destino do ser. Para o homem, porém, permanece a questão se encontra o bem disposto de sua essência, que corresponde a este destino: pois, de acordo com ele, tem o homem enquanto ec-sistente, que vigiar e proteger a verdade do ser. O homem é o pastor do ser. É somente nesta direção que pensa Ser e Tempo, quando é experimentada a existência ec-stática como o ‘cuidado’ (1973, p. 355)

Assim, o poeta enquanto homem e representante do *Ser-aí* histórico é o *pastor do ser*. Mas, o que significa ser pastor? O pastor tem uma rica simbologia que fala mais do que um conceito intelectual, pois expressa e evoca uma dependência vinculante de cuidado. Neste sentido, o ser do pastor está naquilo que ele mesmo guarda: as ovelhas.

O pastor traz consigo ofícios que lhe são próprios: o cuidado com as ovelhas, a guarda das pastagens e a condução do rebanho. Sua riqueza, na verdade, revela-se na pobreza da sua

abertura e na doação pelas ovelhas do redil, para dizer que o homem não está fechado em si mesmo, pois a guarda do sentido do ser lança-o para além de si mesmo.

O poeta-pastor transcende-se, a cada vez que sai de si, sendo “arrebatado” pelo que deve ser dito, mas este sair de si não deve ser tomado como um devaneio, e sim enquanto superação que se dá nas escavações de suas descobertas, que de modo sublime descortinam uma realidade, não de maneira científica, tampouco técnica, mas de forma poética. Por isso, cabe ao poeta o poder de descobrir as coisas e revelar a sua verdade.

Observa-se, então, que o dizer do poeta não pode ser sobre algo que já é constituído, por isso, a palavra do poeta supera tanto a palavra cotidiana quanto a linguagem exata. Isto porque através da linguagem das linguagens torna-se possível encontrar a verdade e anunciá-la ao mundo. Deste modo, é com esse mesmo ofício que os homens, em especial os pensadores e os poetas, são identificados como os *pastores do ser*. E como tais devem cuidar, guardar o ser, todavia, devem se conduzidos pela “voz” do ser.

Nesta ocasião, é pertinente o poema “*Supremo Verbo*”, do poeta brasileiro Cruz e Souza, que traduz de forma significativa à relação do poeta com esse apelo:

Vai peregrino do caminho santo, faz da tu'alma lâmpada do cego, Iluminado pego sobre pego, as invisíveis amplidões do Pranto. / Ei-lo do amor cállix sacrossanto! Bebe-o, feliz, nas tuas mãos o entrego... És o filho real que eu não renego, que defendo nas dobras do meu manto. / Assim ao poeta a natureza fala! Enquanto ele estremece ao escutá-la, transfigurado de emoção, sorrindo... / Sorrindo a céus que vão se desvendando a mundos que vão se multiplicando, a portas de ouro que se vão abrindo! (1989, p. 189).

Atente que neste belo poema, Cruz e Souza, faz uma analogia entre Deus e a natureza, e do mesmo modo compara a condição do poeta com a missão do sacerdote. Na perspectiva da Tradição judaico-cristã, o sacerdote traz sobre si uma rica simbologia e uma missão: simboliza a mediação entre Deus e os humanos. Sua função consiste em oferecer dons e sacrifícios em favor dos homens.

A intenção de Cruz e Souza, por outro lado, neste poema, é a de estabelecer o poeta como um sacerdote, mas não só isso: o poeta é aquele que mostra a realidade através do seu dito. Com esse processo de desocultação da realidade sua função não é somente essa, mas a de ser o arauto da clareira do ser. De um lado, mostra a realidade, do outro faz com que os homens não somente encontrem a verdade, mas a vejam.

Destarte, no poeta a fala alcança o seu vigor, pois através do ditar poeticamente, “*céus se desvendam, mundos se multiplicam e portas se vão abrindo*”. Contudo, a primeira condição aqui demonstrada não está tão determinada pela fala, mas pela atitude da escuta. Tal capacidade aguçada do poeta, por sua vez, é o que faz com que ele seja um “pastor” do ser, o que o homem comum e o cientista não conseguem vivenciar partindo de suas visões.

Na poesia, o ser fala no poeta, e o poeta, por sua vez, dita na tenda do ser. A Metafísica esqueceu o ser, certamente, porque não o auscultou. É oportuno o fragmento 19, do pensador originário Heráclito, o qual diz: “*Não sabendo auscultar não sabem falar*” (1993, p. 63). Nesse sentido, não basta escutar é necessário ser dócil ao apelo ouvido. Não basta saber, é necessário compreender.

CONCLUSÃO

Heidegger recomenda que para falar do ser é preciso escutá-lo, para ouvir seu apelo a fim de compreendê-lo para anunciá-lo ao mundo. Falar sem ouvi-lo é próprio do definir metafísico que por isso não soube fazer a distinção entre ser e ente. Por outro lado, escutar o ser e deixá-lo falar em si mesmo é próprio da linguagem do poeta, que com o dizer essencialmente criativo fala enquanto escuta: pois a sua essência consiste precisamente em escutar a voz do ser. Escutar o ser, portanto, é uma condição fundamental do ser poeta. Na “*Carta Sobre Humanismo*”, Heidegger diz:

Antes de falar, o homem deve novamente escutar, primeiro, o apelo do ser, sob o risco de, dócil a este apelo, pouco ou raramente algo lhe resta a dizer. Somente assim será devolvido à palavra o valor de sua essência e o homem será gratificado com a devolução da habitação para o residir na verdade do ser (1973, 351).

A importância da escuta se dá quando não a confundimos com um mero ouvir, reflete que no ouvir o que ouço são os sons que se me apresentam, por exemplo, através da natureza, no canto dos pássaros, nas ondas do mar e assim por diante, mas no caso do escutar, procuramos auscultar algo ou alguém partindo da verdade que ali encontramos. Na escuta, portanto, reside a compreensão.

A compreensão aqui levantada se difere, no entanto, do saber classificatório possuidor de dados e informações sobre algo. A compreensão que provém da auscultação ultrapassa os limites do saber, porque nela adentramos na intimidade e habitamos no desabrochar de um mundo até então desconhecido, que mais do que conhecido passa a ser reconhecido, principalmente, no calar meditativo do pensador e no dizer revelador do poeta.

REFERÊNCIAS

BATISTA, João Bosco. **O lugar do sagrado no pensamento de Martin Heidegger: vislumbre de uma ética onto-ecológica**. Disponível em:

<http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/FES/fes0502.htm> Acesso em 12 jan. 2007.

FERREIRA, Acylene Maria Cabral (org.). **Fenômeno e Sentido**. Salvador: Quarteto, 2003.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Tradução de Emanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Da Experiência do Pensar**. Tradução, introdução e anotações de Maria do Carmo Tavares de Miranda. Rio Grande do Sul: Globo, 1969.

_____. **Hölderlin y la Esencia de la Poesía**. In: *Arte y Poesía*. Traducción de Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

_____. **Sobre o Humanismo**. In: Vol. XLV da coleção Os Pensadores, Tradução e notas de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

HERÁCLITO. **Os Pensadores Originários**. Tradução de Emmanuel Carneiro. Petrópolis: Vozes, 1993.

PALMER, Richard E. **Hermenêutica**. Tradução de Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1986.

SOUZA, Cruz e. **Obra Completa**. Biblioteca Luso-brasileira. São Paulo: Nova Aguiar, 1989.

VATTIMO, Gianni. **Introdução a Heidegger**. Tradução de João da Gama. Lisboa: Edições 70, 1990.